

A PRESENÇA DE CASAIS

FERNANDO CABRAL MARTINS

Universidade Nova de Lisboa
cabralmartins@mail.telepac.pt

Adolfo Casais Monteiro e Adolfo Rocha

A correspondência entre Pessoa e os da *presença* é instrutiva das opções poéticas respectivas. Em 1930, nomeadamente, encontram-se duas importantes trocas de cartas com Adolfo Casais Monteiro e Adolfo Rocha, em breve conhecido sob o nome de Miguel Torga. Nos dois casos, o objecto da discussão é o mesmo, e central.

A carta para Adolfo Rocha, de 6 de Junho, tem pormenores que não podiam deixar de irritar o jovem *presencista*. Por exemplo, Pessoa afirma que «a arte não é mais que uma manifestação distraída da inteligência», acrescentando a seguir que, para o poeta, «a sensibilidade é o inimigo». Adolfo Rocha não reagiu bem, escrevendo em resposta uma carta dura.

Adolfo Casais Monteiro não se sabe como reagiu, mas a carta que a si tinha sido endereçada, a 11 de Janeiro, será talvez um dos mais claramente formulados de entre os vários momentos em que expõe a poética do fingidor:

Para que qualquer impressão possa ser convertida em matéria de arte, é mister que, primeiro, se transmute em impressão, não parcialmente, senão inteiramente, intelectual. E «intelectual» quer dizer, não da inteligência como expressão superior da personalidade, mas da inteligência como expressão abstracta dela.

Adolfo Casais Monteiro e João Gaspar Simões

De todo o modo, a relação com Adolfo Casais Monteiro será a mais produtiva de todas as que estabeleceu com os presencistas, até mesmo João Gaspar Simões, que de vários modos é essencial para a sua história (seu interlocutor, crítico, biógrafo, editor).

Há a famosa polémica final em que Adolfo Casais Monteiro ataca os «Diálogos Inúteis» de João Gaspar Simões, polémica que destrói a possibilidade de existência da revista, ou, talvez, que manifesta a sua impossibilidade histórica.

Mas já tinha havido a experiência paralela e altamente elucidativa da publicação das duas cartas, por João Gaspar Simões (sobre o Freudismo, entre outras coisas) e por Adolfo Casais Monteiro (sobre a génese dos heterónimos), em n.^{os} sucessivos da *presença*, cada uma delas muito importante e cada uma delas devidamente seguida de um comentário dos destinatários.

As diferenças de entendimento de Pessoa – e da heteronímia, o maior escândalo do Modernismo – são colocadas com clareza.

O que faz João Gaspar Simões? Diz frases destas: «Há na literatura, em verdade, uma parte puramente formal, desprezível se não significa um esforço para melhor exprimir uma mensagem íntima». Ou ainda: «Se Pessoa fosse realmente um artista que não soubesse senão mentir, pequeno artista teria sido». A frase de Pessoa era: «o [seu] estudo a meu respeito peca só por se basear, como verdadeiros, em dados que são falsos por eu, artisticamente, não saber senão mentir».

Adolfo Casais Monteiro interlocutor privilegiado

Apesar das óbvias diferenças entre ambos, de idade e de ideias pelo menos, apenas Adolfo Casais Monteiro podia ser o destinatário da carta sobre a génese dos heterónimos, apenas ele podia ser um verdadeiro interlocutor para Pessoa. Isso é manifestado, aliás, do modo negativo, pela crítica que Adolfo Casais Monteiro faz em 1932 do livro de Luiz Pedro, *Acrónios*, que Pessoa prefacia, e que é impiedosa, como, aliás, merece bem a nulidade poética em questão. Mas Pessoa é igualmente visado por essa crítica, ele que tinha escrito o referido prefácio pela simples boa razão de que Luiz Pedro era filho de Moitinho de Almeida, um dos patrões dos escritórios em que Pessoa trabalhava. Essa venalidade amiga tornou Pessoa vulnerável, por um lado, e, por outro, conduziu a uma formulação pouco feliz no seu prefácio, que Adolfo Casais Monteiro justamente criticou: a de que a poesia se reduz a «uma prosa com pausas artificiais». O facto é que Pessoa não ficou melindrado, mas antes embaraçado, e mais tarde haveria de escrever a João Gaspar Simões referindo o caso, e alegando lapso, considerando que obviamente deveria ter posto a palavra «verso» onde figurava a palavra «poesia»¹. Foi fácil a Pessoa perceber que aquele crítico não estava

¹ Cf. MONTEIRO, 1985.

centrado na temática da sinceridade, com a qual ele havia de brincar provocatoriamente com a sua tese do «poeta fingidor», e que sabia o que queria dizer a palavra «poesia».

Voltando e precisando: apenas Adolfo Casais Monteiro, de entre os presencistas, podia escrever estas palavras, em resposta a essa carta (com data de 17 de Janeiro de 1935):

É claro que não hesito sobre a crença ou descrença nos seus heterónimos: a hipótese da simulação foi ponto onde nem sequer me detive: eu creio na realidade do Caeiro, do Ricardo Reis, do Álvaro de Campos.

Embora Adolfo Casais Monteiro nunca deixe de ser presencista, e nunca prescindir de uma reserva última, de uma dúvida irremissível, que, ainda que absurda no contexto dado, tal como ele próprio o entendeu, não pode deixar de exprimir, logo de seguida, na mesma carta:

É isto é o mais extraordinário: cada um deles é um poeta, cada um tem de verdade a sua personalidade; e cada um é admirável poeta. Não me resta dúvida que V. é habitado por essas personalidades. Não posso contudo ignorar que V. é embora um só. E eis a grande dificuldade.

Pessoa responde a Adolfo Casais Monteiro com uma carta que completa a grande carta anterior, com data de 20 de Janeiro seguinte (e note-se que esta troca se faz durante uma única semana), em que precisa, em resposta a uma sugestão do seu interlocutor na carta de 17 de Janeiro:

O que sou essencialmente – por trás das máscaras involuntárias do poeta, do raciocinador e do que mais haja – é dramaturgo. O fenómeno da minha despersonalização instintiva a que aludi em minha carta anterior, para explicação da existência dos heterónimos, conduz naturalmente a essa definição. Sendo assim, não evoluo, VIAJO.

Mas não faz qualquer tentativa de esclarecimento da «grande dificuldade» que o outro colocara.

E, quando em 1937 a carta é publicada pela primeira vez na *presença*, num comentário com que Adolfo Casais Monteiro a acompanha propõe uma interpretação dessa «grande dificuldade» que em nada a minimiza ou desentende, por mais que ainda o perturbe e intrigue:

Fernando Pessoa é um romancista em poetas: pois que, como o romancista só pode fazer viver as personagens da sua obra quando elas são de certo modo ele próprio, também as obras heterónimas de Fernando Pessoa são como os monólogos de personagens dum romance.

Concluindo, de um modo menos claro do que parece:

O romance é ele próprio – e que admirável romance!

Excurso: Adolfo Casais Monteiro e o cinema como arte da presença

Porto da Minha Infância é um filme em que a relação com a poesia é muito marcada. Há a colagem de elementos variados e não conectados entre si se não pelo facto de serem recordações do mesmo homem, que é o realizador e o sujeito que enuncia o filme, em todos os sentidos da palavra. Recordações essas que não são sempre verdadeiras, isto é, em que se manifesta com evidência o aspecto artificioso do próprio projecto memorialista que encerram. Por exemplo, a personagem da Dama-Texto, Agustina Bessa Luís, que a certa altura intervém, lendo, sentada a uma mesa, aquilo que é um comentário seu a um aspecto da mesma cena que está a ser «reconstituída pela memória».

Depois há a canção cantada na abertura e no final, até à longa recitação em *off*, pelo próprio Oliveira, do poema *Europa*, de Adolfo Casais Monteiro.

A presença de Adolfo Casais Monteiro

A capacidade crítica que leva a que o próprio e traumático artigo de Ed. Lourenço seja recebido e discutido, caso de se considerar do ponto de vista presencista também – o que nunca terá ocorrido ao próprio Ed. Lourenço

A raiz do entendimento crítico e teórico de Adolfo Casais Monteiro pode ser encontrado, em mais que um sentido do termo «raiz», num dos primeiros artigos que publica na revista, em 1929, sobre Sá-Carneiro.

Sá-Carneiro é mais directamente o inspirador da *presença* que Pessoa, sendo o caso de Régio exemplo bastante disso. Pessoa aparece com a exorbitância de um píncaro inóspito que fica sempre para se ver ao longe, e que, aliás, é ele mesmo um colaborador da *presença* – isto é, Pessoa é também ele um presencista em certo literal sentido do termo. Pessoa está perto demais e longe demais da *presença*. Na verdade, apenas Adolfo Casais Monteiro pôde saber lê-lo, como vimos.

Mas a leitura de Sá-Carneiro que Adolfo Casais Monteiro propõe (n.º 20, 1929) tem como base uma noção larga de *vitalidade*:

Os poetas clássicos, mesmo os mais emotivos [...], têm qualquer coisa de hierático, de distante: estão longe; aos modernos, ainda os mais inumanos, os mais desumanizados, sentimo-los próximos, sentimo-los poetas por vitalmente, com todo o seu ser, com todo o seu desespero e toda a sua alegria: são homens, os outros eram, ainda os maiores, literatos.

É a «vitalidade desesperada» de Pasolini que Barthes tanto citava como último valor nos seus últimos anos.

É também a assunção de uma participação dos modernos na revolução romântica, no que decerto apreende a que será a grande teoria de Octavio Paz. Mas que tem também relevância num teoria como a de Hans Ulrich Gumbrecht, que parte de um entendimento fulcral da «crise da representação» que ocorre por volta de 1800.

Mas é sobretudo um entendimento da necessidade de fazer nascer a *presença* contra a representação. A presença física, espacial, que as Vanguardas tinham trazido como urgência de base, e que contraria e destrói a confiança na representação, no distanciamento da realidade, na transformação da presença em *referência*.

É esse o seu entendimento de uma «literatura viva» de que fala Régio no primeiro n.º da *presença*, numa tradução da patologia da provocação e da vontade do original que caracterizavam o Modernismo. Não se trata, portanto, de uma domesticação da violência vanguardista, vertida no molde de uma psicologia mais ou menos freudiana que a tornasse utilizável pela nova geração. Trata-se de um entendimento mais profundo dela, retirando o acento posto na interioridade do eu perdido e recuperado, e apontando antes para a espacialidade do *contacto físico* com uma *intensidade*.

Bibliografia

MONTEIRO, Adolfo Casais (1985) – *A poesia de Fernando Pessoa*. 2.ª ed. Org. de José Blanco. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.